

Madame Vauquer, de Conflans, em solteira¹, é uma senhora de idade que gere há quarenta anos, em Paris, uma pensão modesta na Rue Neuve-Sainte-Genève, entre o Quartier Latin e o Faubourg Saint-Marceau. Esta pensão, conhecida pelo nome de Maison Vauquer, aceita tanto homens como mulheres, jovens e velhos, sem que nunca as más-línguas tenham atacado os costumes de tão respeitável estabelecimento. Mas também é verdade que há trinta anos se deixou de ver gente nova por lá, e se um jovem ali vive é porque a família lhe dá certamente uma mesada muito magra. No entanto, em 1819, época em que começa este drama, vivia lá uma jovem pobre. Ainda que a palavra drama tenha caído em descrédito pela maneira abusiva e torturante como tem sido desbaratada nestes tempos de dolorosa literatura, temos de a empregar aqui. Não porque esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra, mas, uma vez concluída a obra, talvez se derramem algumas lágrimas *intra e extra muros*. Será que é compreendida fora de Paris? Permitimo-nos pôr isso em dúvida. As particularidades desta cena cheia de observações e de cores locais só podem ser apreciadas entre as colinas de Montmartre e as elevações de Montrouge, nesse ilustre vale de escombros continuamente prestes a cair e de regatos negros de lama, repleto de verdadeiros sofrimentos, de alegrias muitas vezes falsas, e tão terrivelmente agitado que se precisa de um não-sei-quê de exorbitante para produzir uma sensação de certa duração. Contudo, aí se encontram, aqui e acolá, dores que a acumulação dos vícios e das virtudes torna tão grandes e solenes: perante o seu aspeto, os

egoísmos e os interesses refreiam-se e apiedam-se, mas a impressão que dão é a de um fruto saboroso pronto a ser devorado. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Jaggernat², apenas retardado por um coração menos fácil de esmagar do que os outros e que trava os raios da sua roda, logo o quebra e prossegue a sua marcha gloriosa. Assim farão os leitores que, com este livro nas alvas mãos, se afundam numa confortável poltrona pensando: «Talvez isto me vá divertir.» Depois de terem lido os secretos infortúnios do pai Goriot, é provável que jantem com apetite imputando a vossa insensibilidade ao autor, achando-o exagerado e acusando-o de ser poeta. Ah! Fiquem a saber: este drama não é uma ficção, nem um romance. *All is true*³, tudo é tão verdadeiro que cada qual pode reconhecer esses elementos dentro de si mesmo e talvez no seu próprio coração!

O prédio onde está instalada a modesta pensão pertence a Madame Vauquer. Situa-se na parte baixa da Rue Neuve-Sainte-Geneviève, onde há um declive em direção à Rue de l'Arbalète com uma ladeira tão íngreme e tão abrupta que os cavalos raramente a sobem ou descem. Essa circunstância é favorável ao silêncio que reina nessas ruas estreitas entre o domo do Val-de-Grâce e o domo do Panthéon, dois monumentos que mudam as condições da atmosfera, nela lançando matizes amarelados e escurecendo tudo com os tons severos projetados pelas suas cúpulas. Aí, o pavimento está seco, as sarjetas não têm lama nem água e a erva cresce ao longo das paredes. O homem mais indiferente, como todos os transeuntes, entristece-se ali: as casas são sombrias, as muralhas cheiram a prisão, o ruído de uma carruagem torna-se um acontecimento. Um parisiense que por lá andasse perdido só veria modestas pensões ou instituições, miséria ou tédio, a velhice a morrer ou uma alegre juventude obrigada a trabalhar. Nenhum bairro de Paris é mais horrível, nem, digamo-lo, mais desconhecido. A Rue Neuve-Sainte-Geneviève, sobretudo, é como uma moldura de bronze, a única que se adequa a esta narrativa, para a qual há que preparar a mente com cores escuras, com ideias graves, tal como, de degrau em degrau, o dia vai declinando e o canto do guia vai expirando quando o viajante desce às Catacumbas. Comparação verdadeira! Quem é que decide se é mais horrível ver corações empedernidos ou crânios vazios?

A fachada da pensão dá para um pequeno jardim, de modo que a casa fica em ângulo reto com a Rue Neuve-Sainte-Genève, onde a vemos cortada na sua profundidade. Ao longo dessa fachada, entre a casa e o jardim, há um círculo de cascalho com uma toesa de largura, diante do qual há uma álea coberta de areia ladeada de gerânios, romãzeiras e aloendros plantados em grandes vasos de faiança azul e branca. O acesso a esta álea é feito por uma porta secundária, encimada por uma tabuleta onde está escrito: MAISON VAUQUER, *Pensão familiar para os dois sexos e outros.*

Durante o dia, através de uma porta envidraçada, munida de uma campainha estridente, pode ver-se no fim da calçada, na parede do outro lado da rua, uma arcada de mármore verde pintada por um artista do bairro. No vão simulado dessa pintura, ergue-se uma estátua que representa o Amor. Ao verem o verniz descascado que a cobre, os amantes de símbolos talvez lá descubram um mito do amor parisiense que é tratado a poucos passos dali. Sob o pedestal, uma inscrição meio apagada lembra o tempo a que remonta tal ornamento pelo entusiasmo demonstrado por Voltaire, ao regressar a Paris em 1777:

Quem quer que sejas, aqui tens o teu mestre:
Que o é, que o foi ou que o deve ser.

Ao cair da noite, a porta envidraçada é substituída por uma porta inteiriça. O pequeno jardim, tão largo como o comprimento da fachada, está encaixado entre a parede da rua e paredes-meias com a casa vizinha, ao longo da qual pende um manto de hera que a esconde completamente e atrai o olhar dos transeuntes pelo seu efeito pitoresco em Paris. Estas paredes estão atapetadas de latadas e de vinhas cujas fracas e poeirentas frutificações são alvo dos temores anuais de Madame Vauquer e das suas conversas com os clientes da pensão. Ao longo de cada parede há uma estreita álea que vai dar a um caramanchão de tílias, palavra que Madame Vauquer, de Conflans, em solteira, pronuncia obstinadamente *tilhas*, apesar das observações gramaticais dos seus hóspedes. Entre as duas áleas laterais, vê-se um canteiro de alcachofras, flanqueado de árvores de fruto podadas com o feitio de rocas, com azedas, alfaces ou salsa.

Sob o caramanchão de tílias há uma mesa redonda pintada de verde rodeada de bancos. Ali, nos dias quentes, os convivas mais ricos que têm dinheiro para tomar café ficam a saboreá-lo no meio de um calor capaz de incubar ovos. A fachada, de três andares e encimada de mansardas, é de pedra e está pintada com essa cor amarela que dá um aspeto ignóbil a quase todas as casas de Paris. As cinco janelas de cada andar têm pequenas vidraças e estão guarnecidas de gelosias, todas assimétricas, porque nenhuma foi feita do mesmo modo. Ao fundo da casa, no rés do chão, veem-se duas janelas ornadas com grades de ferro. Nas traseiras do prédio, há um pátio com cerca de vinte pés de largura, onde vivem em boa harmonia porcos, galinhas, coelhos, no extremo do qual foi construído um pequeno barracão para guardar lenha. Entre este barracão e a janela da cozinha está pendurado o armário da comida, por baixo do qual escorrem as águas gordurentas da pia. A dar para a Rue Neuve-Sainte-Geneviève, este pátio tem uma porta estreita por onde a cozinheira despeja o lixo da casa, limpando depois a sentina com muita água, para evitar a pestilência.

Naturalmente destinado à exploração da modesta pensão, o rés do chão compõe-se de um primeiro aposento iluminado por duas janelas que dão para a rua, e no qual se entra por uma porta envidraçada. Este salão comunica com uma sala de jantar que está separada da cozinha pelo vão de uma escada de degraus de madeira e ladrilhos pintados e encerados. Nada é mais triste à vista do que este salão mobilado com poltronas e cadeiras estofadas de crinolina de riscas baças alternando com riscas brilhantes. No meio, há uma mesa redonda com um tampo de mármore Sainte-Anne, enfeitada com uma licoreira de porcelana branca ornada de fios dourados meio apagados, que hoje se encontra por toda a parte. Esta sala, com o soalho em mau estado, tem lambris até ao parapeito das janelas. A parte superior das paredes está forrada com papel envernizado onde estão representadas as principais cenas de *Telémaco*⁴, com as suas personagens clássicas coloridas. O painel entre as janelas gradeadas oferece aos hóspedes o quadro do festim dado por Calípsos ao filho de Ulisses. Há quarenta anos que essa pintura suscita as piadas dos hóspedes mais novos, que se creem superiores à sua posição, quando troçam do jantar a que a miséria os condena. A chaminé de pedra,

cuja lareira sempre limpa atesta que ali só se faz lume nas grandes ocasiões, está decorada com dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas e encarceradas, que fazem companhia a um relógio de mármore azulado de muito mau gosto. Este primeiro aposento exala um cheiro que ainda não tem nome na língua, mas a que se deveria chamar *odor de pensão*. Cheira a abafado, a mofo, a ranço; dá frio, é húmido para o nariz, penetra nas roupas; tem o sabor de uma sala onde se jantou; fede a serviço, a copa, a hospício. Talvez esta sala pudesse ser descrita se alguém inventasse um processo de avaliar as quantidades elementares e nauseabundas lá deitadas pelas atmosferas catarrais e *sui generis* de cada hóspede, novo ou velho. Pois bem! Apesar destes horrores banais, se comparássemos esta divisão com a sala de jantar, que lhe é contígua, achá-la-íamos elegante e perfumada como deve ser um toucador. Esta sala, integralmente revestida a madeira, esteve em tempos pintada com uma cor agora indistinta, que forma um fundo onde a sujidade imprimiu as suas camadas de imundice de maneira a desenhar umas figuras estranhas. Está cheia de aparadores pegajosos sobre os quais há garrafas biseladas, manchadas, argolas metálicas de várias cores, pilhas de pratos de louça grosseira de bordas azuis, fabricados em Tournai. Num canto, há uma caixa com divisórias numeradas que serve para guardar os guardanapos, enodoados ou sujos de vinho, de cada hóspede. Lá se encontram esses móveis indestrutíveis, proscritos em toda a parte, mas postos ali como o são os destroços da civilização nos *Incurables*⁵. Ali vemos um barómetro com um capuchinho que sai quando chove, gravuras execráveis que tiram o apetite, todas emolduradas em madeira preta envernizada com os bordos dourados, uma pêndula de tartaruga incrustada em cobre, uma salamandra verde, candeleros de Argand onde o pó se mistura com o óleo, uma mesa comprida coberta por um oleado tão engordurado que permite a um comensal externo mais brincalhão lá escrever o nome usando o dedo como se fosse uma pena, cadeiras estropiadas, pequenos capachos de esparto num estado lastimável, sempre em fiapos mas que nunca se desfazem, escalfetas miseráveis com orifícios quebrados, dobradiças desengonçadas e madeira carbonizada. Para explicar como esse mobiliário é velho, rachado, podre, cambaleante, corroído, mutilado, sórdido, sem valor, a desfazer-se, seria preciso fazer uma descrição